

# ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



## AGARTHA: PROCESSO CRIATIVO

### DE UMA HQ POÉTICO-FILOSÓFICA SOBRE O ÉDEN MÍTICO

## AGARTHA: CREATIVE PROCESS

### OF A PHILOSOFICAL-POETIC COMIC ABOUT THE MYTHIC EDEN

Edgar Silveira Franco<sup>1</sup>

Danielle Barros Silva Fortuna<sup>2</sup>

#### Resumo

Agartha é um álbum em quadrinhos do gênero poético-filosófico publicado pela editora Marca de Fantasia em 1998, com segunda edição publicada em 2002. Esse gênero genuinamente brasileiro tem como duas de suas características principais: a intencionalidade poética e filosófica; e a inovação na linguagem quadrinhística. Trata-se de uma obra singular concebida como uma reflexão fantástico filosófica que questiona a concepção arquetípica de paraíso/éden existente em diversas religiões ao redor do planeta, como no Cristianismo, Judaísmo e Maometanismo. O álbum investe no potencial poético e experimental das HQs poético-filosóficas em múltiplas simbologias alquímicas e esotéricas. Esse artigo objetiva apresentar o processo criativo do álbum, destacando aspectos simbólicos e míticos presentes em seu texto e arte e as reflexões filosóficas propostas sobre a concepção de um paraíso/éden transcendente e os dilemas existenciais que envolvem essa concepção fundamentadas segundo conceitos filosóficos de Jung, com algumas referências a Chauí, Blavatsky e Chardin.

**Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos. Gênero Poético-filosófico. Processo Criativo

#### Abstract

Agartha is a poetic-philosophical comic album published by Marca de Fantasia in 1998, with the second edition published in 2002. This genuinely Brazilian comic genre has as two of its main features: the poetic and philosophical intentionality; and innovation in language. The comic album is a work conceived as a philosophical reflection that questions the archetypal conception of paradise existing in various religions around the world, as in Christianity, Judaism, and Mohammedanism. The album invests in experimental potential of poetic-philosophical comics and use a lot of esoteric symbols. This paper presents the album's creative process, highlighting symbolic and mythical elements in its text and art and some philosophical reflections about the possible transcendent paradise and existential dilemmas. For the analysis of concepts have been used Jung, with some references to Chauí, Blavatsky and Chardin.

**Keywords:** Comics. Poetic-Philosophical Genre. Creative Process

<sup>1</sup> **Edgar Silveira Franco**, Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela ECA/USP, mestre em multimeios pela Unicamp e professor permanente do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Goiânia, GO, Brasil, Email: [oidicius@gmail.com](mailto:oidicius@gmail.com)

<sup>2</sup> **Danielle Barros Silva Fortuna**, IV Sacerdotisa, Doutoranda em Ensino de Biociências e Saúde (IOC-FIOCRUZ) (bolsista CAPES/Plano Brasil sem Miséria) e Mestre em Ciências, Bióloga (UNEB). Teixeira de Freitas, BA, Brasil. E-mail: [danbiologa@gmail.com](mailto:danbiologa@gmail.com)

## Agartha – Uma HQ Poético-filosófica

As HQs de autor são marcadas por uma proposta mais voltada a expressão artística do ideário estético e reflexivo de seus autores do que submetidas a atender demandas de mercado. Dentre as HQs autorais, cabe destacar o chamado gênero de quadrinhos Poético-filosófico, que teve seu surgimento no Brasil inicialmente através de quadrinhos veiculados em fanzines (BARROS; FRANCO, 2013). Santos Neto (2009, p.90) sintetiza as características principais desse gênero:

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.

De acordo com Santos Neto (2009, p.93) um dos autores pioneiros e de maior destaque desse gênero de quadrinhos é Edgar Franco, o criador do álbum Agartha publicado em 1998, com segunda edição publicada em 2002 pela Marca de Fantasia. Franco é artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela ECA/USP, e professor da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

Em Agartha temos uma versão mítica da criação do mundo e a saga de um homem que representa a busca do mito arquetípico de um paraíso/éden existente em diversas religiões ao redor do planeta, como no Cristianismo, Judaísmo e Maometanismo. Trata-se de uma reflexão fantástico-filosófica que questiona a concepção arquetípica de um pretense paraíso desprovido de sofrimentos, onde o homem, personagem que representa toda a humanidade, experiência por si mesmo se é possível viver sem dores. Agartha é um lugar fantástico com cenário e seres estranhos e exuberantes que está situado no centro do planeta Terra, e confere o nome ao álbum. A obra lança mão do potencial poético e experimental das HQs poético-filosóficas para investir em múltiplas simbologias de ordem alquímica e esotérica.

No texto de apresentação, o autor explicita e critica a recorrente busca de um “paraíso”, mito que perdura ao longo da história da humanidade, fomentado em diversas religiões ao redor do planeta. Esse modelo frágil de “vida eterna” não se sustenta por negar o caráter essencial da vida que é a complementaridade dos opostos. O autor ainda destaca que algumas simbologias foram empregadas de forma consciente e intencional e outras

fluíram de forma espontânea, e somente em uma leitura posterior foram identificadas algumas das simbologias arquetípicas e alquímicas.

Esse artigo tem o objetivo de apresentar o processo criativo do álbum, destacando aspectos simbólicos e míticos presentes em seu texto/arte e as reflexões filosóficas propostas sobre a concepção de um paraíso/éden transcendente e os dilemas existenciais que envolvem essa concepção. A metodologia utilizada foi a leitura exploratória e orientada a destacar e apreender: os símbolos, metáforas imagéticas, nomenclaturas, referências diretas e indiretas a autores, artistas, magos, seitas, símbolos e religiões, o texto poético e a mensagem da obra correlacionando o processo criativo autoral de Franco aos conceitos da fundamentação teórica e filosófica de Jung, com breves referências também a Chauí e Teilhard de Chardin. Acerca do processo criativo foi feita uma entrevista com o criador da obra cujas respostas aparecem referenciadas ao longo do texto. O álbum *Agartha* não possui páginas enumeradas. No entanto, para nossa análise, foi feita uma paginação a título de organização, sendo a primeira página o “prólogo”.

De acordo com Jung (1964, p. 55), os símbolos são produzidos espontaneamente pelo inconsciente, apesar de poderem posteriormente ser elaborados conscientemente. No caso do processo criativo de *Agartha*, algumas simbologias foram conscientemente inseridas e criadas, outras só foram percebidas a posteriori, conforme salientou Franco. Marilena Chauí (2010, p.313) concebe a cultura como “ordem simbólica”, sendo esta a capacidade humana para atribuir um sentido que extrapola a presença material, o que permite atribuir significações e valores às coisas e à humanidade, distinguindo-as entre boa e má, feia ou bela, certa ou errada, justa ou injusta, entre outros.

A ideia de um éden mítico está presente em diversas religiões do planeta. Jung (1964, p.85) destaca que no mundo comunista há um sonho arquetípico através dos tempos, de uma “Idade de Ouro” - ou Paraíso - quando haverá abundância para todos, um chefe justo e sábio reinará. No mundo ocidental, mesmo os que se opõem ao comunismo, alimentam de uma forma íntima a mesma mitologia, inconscientemente o ser humano de maneira geral acalenta os mesmos preconceitos, esperanças e expectativas, ao acreditar: no Estado da Providência, na paz universal, na igualdade do homem, na justiça, na verdade, etc. Entretanto, a vida humana consiste em um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. A vida é inconstância e se não fosse, chegaria ao fim. De acordo com Jung, “cada sociedade tem suas

próprias concepções de caráter arquetípico sobre paraíso ou uma idade de ouro, que se acredita já ter existido e que voltará novamente a existir”. A busca da felicidade perene em um mundo pós-catástrofes profundas onde a humanidade seja regenerada e purificada é a esperança das religiões “milénaristas”. O termo “milénarismo” tem origem de uma crença cristã, embora não seja restrita a esta religião.

### **Criando Agartha: Símbolos e Mitos e a contextualização do Éden Mítico Ficcional**

Nesta seção iremos analisar Agartha e simbologias em suas páginas, destacando os símbolos e interpretando-os levando em consideração os conceitos junguianos contextualizados com a intenção do seu criador Edgar Franco, explicitados nas citações ao longo da análise. Abaixo a capa e contracapa de Agartha.



Figura 1 - Capa e contracapa de Agartha, de Edgar Franco

### **Nomenclaturas**

Iniciamos a análise destacando as nomenclaturas presentes no álbum, a começar pelo personagem principal, que não tem nome, e que chamamos aqui de “o homem de Agartha”. A falta de nomeação no personagem, segundo Franco, significa que qualquer um pode estar naquele lugar, naquela busca essencial, o que o coloca como representante de toda humanidade. O nome Agartha é uma referência a um dos possíveis mundos perdidos, ou paraísos escondidos existentes em nosso planeta, no caso, ordens esotéricas milenares

situavam esse mundo perdido no centro da Terra, que seria oco, Última Thulle também está relacionado a este referencial, como uma terra prometida dos nórdicos, o mesmo acontece com os nomes dos capítulos do álbum: Walhalla; Sangri-lah e Éden, referências diretas ao paraíso mítico em diversas culturas e religiões do oriente e ocidente. Abaixo, capa e contracapa de Agartha.

Os nomes dos personagens Eva, Caim são referências diretas aos personagens bíblicos, e Eveye seria um nome derivativo de Eva, no caso uma Eva-olho, pois a personagem tem um olho só, localizado no centro da testa, uma referência direta à abertura do terceiro olho da mítica hinduísta.

### **Análise da simbologia em alguns trechos seminais de Agartha.**

Prólogo - Página 1 Olho (início de tudo) - Em toda obra Agartha, ocorre a imagem recorrente do círculo ou mandala - mandala significa círculo em sânscrito. Segundo Franz (1964, p.213), a mandala é uma palavra hindu que significa “círculo mágico”, uma representação simbólica do “átomo nuclear” da psique humana, de essência desconhecida. Na simbologia egípcia, o círculo com o ponto no meio é o glifo Aten do Egito.

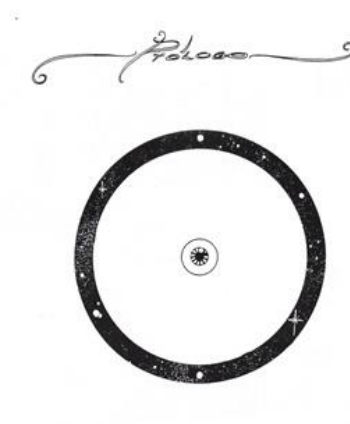


Figura 2 – Página 1 Prólogo de Agartha, de Edgar Franco

Segundo Jung (2011, p.393-394), como fenômeno psicológico, as mandalas aparecem espontaneamente em estados conflitivos da psique. Um elemento que mais comumente contem em sua estrutura uma quaternidade ou múltiplo de quadro sob a forma de cruz ou

estrela, sendo considerado o “arquétipo da totalidade”. Além disso, restabelecem a ordem interior, expressando a ideia de equilíbrio e totalidade. Aparecem frequentemente após estados caóticos, desordenados e conflitivos da psique, constituindo-se portanto, uma tentativa de autocura da natureza. De fato, a narrativa que o álbum traz é repleta de conflitos, desordem e caos e a restauração do equilíbrio através da transmutação alquímica vivenciada pelo homem de Agartha.

De acordo com Franco, o criador de Agartha, a presença do círculo com um ponto no centro tem origem na simbologia presente na Doutrina Secreta de H.P. Blavatsky, representa o símbolo do Cosmos (o círculo) e do surgimento potencial de seres sencientes (o círculo com um ponto no centro) - a humanidade sendo uma dessas possibilidades, nesse caso representada por uma cruz dentro do círculo:

A primeira figura é um disco simples. A segunda é um disco com um ponto no centro, um símbolo arcaico que representa a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da natureza eterna, sem sexo e infinita, ‘Aditi in Aquilo’, ou o Espaço Potencial no Espaço Abstrato (BLAVATSKY, 1995, p.74).

O símbolo está na abertura do álbum, e em outros pontos, inclusive a cisão desse círculo. Ele reforça o sentido das forças antagônicas e complementares que estão presentes na obra como um de seus fundamentos poéticos e filosóficos, também coadunando com o pensamento de Blavatsky:

A Doutrina Esotérica ensina, tal como o budismo e o bramismo, e também a cabala, que a Essência una, infinita e desconhecida existe em toda a eternidade, e que é ora ativa, ora passiva, em sucessões alternadas, regulares e harmônicas. (...) É um processo que se observa por toda a eternidade, e o nosso universo não representa senão um dos termos da série infinita – que não teve princípio nem terá fim (BLAVATSKY, 1995, p.73).

Página 2 e 3 – “Na eterna dança harmônica do caos... As forças antagônicas do cosmos...” Diferentes culturas buscaram e buscam explicações para o surgimento da vida. Como surgiu o mundo? Como os seres e natureza foram criados? Quando tudo começou? Essas e outras questões compõem, em incontáveis épocas e lugares do globo, os chamados “Mitos de criação”. Mito egípcio, sérvio, nórdico, chinês, japonês, australiano, nativo americano (navajo), sumério, entre outros, são algumas versões de surgimento do mundo, relatados por Philip (1996).

Nessas primeiras páginas de Agartha, o autor traz sua versão do sobre o surgimento primal da vida, sua cosmogonia, representada através da cópula de criaturas cósmicas. Em



suas forças antagônicas e complementares, “macho” e “fêmea” se misturam, tornam-se unos; as simbologias do cosmos, as estrelas, astros, a borboleta-ventre simbolizando a concepção e transformação.

Há presença de animais selvagens amalgamados às criaturas, o peixe, a pomba, o que aponta dois possíveis significados: o de que somos todos ligados enquanto seres, independente de espécie; o de nossa conexão com os elementos,- o peixe remetendo à água e ao mergulho, e a pomba remetendo ao ar, ascensão. Ademais, a simbologia da ave é forte e presente em diversas culturas como figuração da alma humana e símbolo da liberdade (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS ESOTÉRICOS, 2014, s.p.).



Figura 3 – Página 3 de Agartha, de Edgar Franco

Nessas primeiras páginas e ao longo de todo álbum temos a “estrela de oito pontas” que lembra a rosa dos ventos. Também denominada “estrela do caos” (*Chaos Star*) ou “Caosfera”, possui oito pontas equidistantes que partem de um ponto central, e pode representar o vazio do cosmos, o universo ou ainda, as oito direções (oito portas), tal qual a rosa dos ventos, composta dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo) e os quatro estados

intermediários da matéria (o seco, o úmido, o frio e o quente). (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2014, s.p.).

Página 4 - A página em questão é uma forte metáfora imagética do gozo cósmico, o momento da fecundação, onde o falo jorra sêmen e dele parte uma criatura empunhando uma espada que fura o olho cósmico, que tem em torno de si uma borboleta. A espada, que vai aparecer também mais adiante nas páginas 14 e 19, é um símbolo forte, medieval, bélico, arma da justiça, luta, da ação e da coragem. Significa extermínio físico, a espada que penetra as profundezas do nosso eu interior. Segundo o Dicionário de Símbolos (2014, s.p.), na cultura oriental, devemos concebê-la como uma trilha a ser percorrida, caminho interno denominado “BUDO” nas artes marciais, uma Senda espiritual.

O falo, órgão sexual masculino representa o símbolo universal da fertilidade e perpetuação da espécie, sendo este o símbolo universal da religião Hindu (JUNG, 1964). De acordo com o Dicionário de Símbolos (2014, s.p.), o sêmen é um símbolo de força da vida. Nos rituais dos essênios, o sêmen era considerado como símbolo do corpo de Cristo, num simbolismo ritual, era usado em rituais de iniciação ou de batismo além de ser considerado poderoso nos processos de cura, através da unção. A vagina cósmica, como destaca Franco em entrevista para esse artigo, é representada pela borboleta que é o símbolo do ciclo vital, tendo como centro, o círculo-olho, princípio gerador. Em diversas páginas do álbum, o autor explora “esguichos” e “manchas”, os fluidos da vida, e em muitos trechos eles se conectam - o sêmen representando o masculino, o leite representando o aspecto feminino, e o sangue a unidade cósmica. Esta é a página da concepção de vida.

Página 7 “E a vida tomou consciência de si”

Aqui aparece a imagem do macho e fêmea remetendo à representação de Adão e Eva no paraíso, quando descobrindo seus sexos - ele apontando para vagina da mulher e ela olhando em direção ao pênis dele. Adornada por cogumelos, a página é síntese do encontro entre os opostos complementares e a vida que geraram. O falo jorrando sêmen ao centro, acima o olho fecundado. O casal aparece na parte superior ao centro, nas laterais na parte inferior da página e no centro inferior, onde formam uma trindade, pai, mãe e filho. Atrás da cabeça do homem, um sol negro. Vivendo em plenitude.

Página 8 “...Temeu a morte, seu principio complementar”

Ela traz a representação arquetípica do Jardim do Éden. Porém, neste caso, não foi a mulher que mordeu a maçã e sim a serpente que mordeu a mulher. Na interpretação



junguiana, (p.154), a serpente é um dos fortes símbolos de transcendência. Por ela ser tradicionalmente uma criatura do mundo subterrâneo, seria, portanto, uma ‘mediadora’ entre dois modos de vida. No dicionário de símbolos, a serpente simboliza a dualidade, renovação, pecado, força vital, renascimento. Na bíblia simboliza uma criatura diabólica, tentação; na mitologia hindu representa chuva, renovação e fertilidade, e também está associada à energia sexual, a kundalini. Na mitologia greco-romana simboliza a cura, símbolo da medicina. Na filosofia oriental representa o Yin, um símbolo obscuro ligado à terra, a noite e à lua. Na alquimia está relacionada ao símbolo da eternidade, ouroboros, ou "Orobor", representando a energia vital e cíclica da vida, renovação.

Página 12 - “Ultima Thulle”

Aqui se inicia uma narrativa mais “convencional” de HQ. Um “recordatório” situa que, reza a lenda, um homem perdeu toda família em um incêndio e desde então seguiu uma vida errante. Uma das formas que o ser humano lida com a morte é vislumbrar uma continuação da vida depois da passagem, porém o homem segue seu caminho sem rumo. Como uma referência ao sétimo e oitavo dia da criação do mundo, o homem começa a navegar contra o vento.

Página 13 - Nesta fase da história, o homem de Agarth - que representa toda a humanidade e suas dores, se aventura nas águas turvas e escuras de um rio ou um mar – que, na simbologia ancestral remete a aventurar-se no próprio eu desconhecido, seu inconsciente.

Nos mitos ou nos sonhos, uma jornada solitária simboliza a liberação da transcendência. É o retrato dessa busca. De acordo com Jung, em um nível mais profundo da psique, o self pode aparecer representado em sonhos em instantes decisivos e de processos de mutação. A própria mudança muitas vezes vem simbolizada pelo ato de atravessar um curso d’ água.

Neste instante, surge uma referência onírica: “o sono é o pai dos delírios, o homem navega pelo complexo límbico, nos mares do inconsciente”, uma clara alusão do autor ao “mar do inconsciente” e universo dos sonhos. Surge o elemento do fogo, um poderoso símbolo alquímico de transmutação.

### **Análise do sonho do homem em Agatha na perspectiva junguiana e ocultista.**

Os sonhos são de compreensão complexa e não é uma história contada pela mente consciente. Dotado de uma textura própria, metáforas imagéticas contraditórias, absurdas e sem referencial de “tempo”; muitas vezes grandes dilemas e conflitos são resolvidos no plano da psique através dos sonhos, sendo essa uma de suas principais funções conhecidas, bem como a função de “compensação”. Sonhos de forte carga simbólica nem sempre podem ser interpretados satisfatoriamente por quem sonha, uma vez que muitos elementos que aparecem nem sempre provém de uma experiência individual do sonhador. Esses elementos denominados por Freud por “resíduos arcaicos” são formas de representação primitivas e inatas, formas mentais provenientes da herança do espírito humano, na perspectiva junguiana essas imagens primordiais são denominadas de “arquétipos” (JUNG, 1964, 67).

De acordo com Jung (2011, p.289), consciência e inconsciente não são uma totalidade, e uma vez que um reprima o outro, alguma das partes é prejudicada. No “processo de individuação”, processo descrito por Jung que se trata de um “processo ou percurso de desenvolvimento produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais”, traz a simbologia do “embate” entre consciente e inconsciente. Dessa forma, Jung designou a união dos opostos pelo termo “função transcendente”, na perspectiva de condução da personalidade em direção à totalidade.

Página 14 - “...Ele sonha...com borboletas...” - A transformação alquímica onírica: uma página com riquíssima composição de simbologias, a saber: o terceiro olho que explode e borbulha em sangue; as espadas que trespassam o pescoço nas laterais do rosto, simbolizando a batalha consigo mesmo; o gato, animal místico que representa a fusão do mundo físico e espiritual; abaixo do pescoço do homem, duas bolsas, uma com o olho “princípio de tudo” e o feto na outra bolsa; a ampulheta no centro, abaixo. Do lado esquerdo, a figura dele na travessia do mar do seu inconsciente, do outro lado (direito), o sêmen que corre, ele transfigurado em caveira, a representação de sua morte, com a mão estendida tocando uma borboleta. De modo genérico, a caveira simboliza mudança, transformação. A caveira no dicionário de símbolos, é também o símbolo da mortalidade, representa o caráter transitório e passageiro da vida. Todos esses elementos evocam a representação de início de um novo ciclo, renovação.

Página 15 – “...E com uma terra magnífica e grotesca...” - Aparece um plano geral com uma arquitetura de um lugar mágico, obeliscos e torres. Na simbologia egípcia, o obelisco é um símbolo fálico antigo da energia masculina (também simboliza o pênis do deus Sol egípcio, Osíris) e a cúpula representa a fêmea ou a energia da Lua (SIMBOLISMO, 2014, s.p.). Há a presença do símbolo da espiral, remetendo a simbologia da mandala e da kundalini.

Em destaque, no canto da página 15, o ovo cósmico, símbolo da origem da vida, da renovação periódica da natureza e da criação primordial. O ovo está associado ao símbolo do Yin Yang, representando a união das energias uma vez que a gema representa o feminino (o óvulo) e a clara, os espermatozoides masculinos. De acordo com Philip (1996, p. 22), segundo a mitologia chinesa o ovo cósmico representa o início de tudo, o caos em formato de “ovo de galinha”, onde yin e yang - as forças opostas que formam o universo -, estavam dentro do ovo e de onde eclode o primeiro ser: P’an-ku. O ovo está presente nas culturas egípcia, celta, grega, fenícia, hindu, tibetana, chinesa, japonesa, entre outras e é considerado também simbologia de fertilidade e eternidade. No cristianismo tem simbologia de ressurreição.

Página 19 “... E de morte!” - Nesta página emblemática, um símbolo arquetípico poderoso, a imagem do guerreiro sobre o “cavalo” enfiando a espada em seu inimigo - que pode ser ele mesmo, seu ego. Esta imagem é uma metáfora da batalha consigo mesmo e suas sombras.

O conceito de sombra ocupa lugar vital na psicologia analítica junguiana. Jung mostrou que a sombra projetada pela mente consciente do indivíduo contém os aspectos ocultos, reprimidos e desfavoráveis da sua personalidade. Entretanto essa sombra não é apenas o simples inverso do ego consciente. Da mesma forma que o ego contém atitudes desfavoráveis e destrutivas, a sombra possui algumas boas qualidades – instintos normais e impulsos criadores. Ego e sombra são conectados, porém o ego entra em conflito com a sombra, no que Jung denominou a “batalha pela libertação”. Através dos sonhos passamos a conhecer aspectos da personalidade do ser que por vezes são evitadas, é o que Jung denomina “realização da sombra”. O sonho como catarse. Conforme simbolismo junguiano,

Na luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, este conflito se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal, personificados por dragões e outros monstros. No decorrer do desenvolvimento da consciência individual, a figura do herói é o meio simbólico através do qual o ego emergente vence a inércia do inconsciente, liberando o homem amadurecido do

desejo regressivo de uma volta ao estado de bem-aventurança da infância, em um mundo dominado por sua mãe (HENDERSON, 1964, p.118).

O homem desperta do sonho - Página 21 - Capítulo II Shangri-lah: Regozijo e paz - O homem agora entrará em uma era de êxtase e paz. A capa do novo capítulo traz a sua imagem serena, uma mão toca a borboleta da mudança e de boas novas e na outra toca a fêmea. Sutilmente as simbologias da flor e do cogumelo, remetendo às genitálias feminina e masculina, e as forças dos opostos complementares.

Página 23 - Ao acordar ele se surpreende. Sua cabeça adornada com chifres (símbolo de virilidade), ele vislumbra a nova terra. Esta página tem uma composição que arquetipicamente tem a semelhança com o “Homem Cósmico”. Segundo Franz (1964, p. 201), o Homem Cósmico é uma figura grandiosa e aconchegante que personifica e abarca o universo, sendo uma representação comum do self nos sonhos e nos mitos. Na civilização ocidental o Homem Cósmico tem sido identificado com Cristo e na oriental com Buda ou Krishna.

Página 24 - A fêmea se apresenta e o situa: “Este é o Éden, o atemporal jardim das delícias”, - ele chegou a um lugar onde as dores são esquecidas e o tempo inexistente. Ela está nua, cabelos longos esvoaçantes, adornada de acessórios e uma flauta na mão. Há três closes que o autor destaca: a mão em formato V, o olho, e o ventre em formato de triângulo invertido. Segundo Franco, o V é uma referência ao “Vau” – é a sexta letra do alfabeto hebraico, e a terceira letra do nome de deus: YHWH. O Vau simboliza em algumas cosmogonias esotéricas uma oportunidade ou rito de passagem, na história de Agartha é um novo ciclo na vida do homem. O olho na testa remete à figura do Ciclope da mitologia grega – gigantes imortais com um só olho na testa, criadores dos raios usados por Zeus – e também ao terceiro olho da cosmogonia hinduísta, o signo da transcendência. Nesse caso a fêmea com um olho só na testa é o signo da eternidade e de uma possível transcendência alcançada. Já o triângulo invertido, nesse caso representa a conexão com a terra e aspecto humano do prazer e do êxtase, por isso o foco na genitália da fêmea, um éden mítico que não nega a sensualidade e o erotismo.

Página 25 - O nome dela é Eveye (referência a Eva de outrora), e se apresenta como fonte de prazer, paz e eternidade. Ao se conhecerem, se tocam. O toque das mãos representa o encontro, um pacto. Essa imagem evoca a obra “A criação de Adão”, de Michelangelo Buonarroti, localizada no teto da Capela Sistina, em Roma. O encontro de

opostos complementares masculino e feminino também simboliza o “casal real”, uma imagem simbólica da totalidade psíquica e do self (FRANZ, 1964, p. 203). Seria Eveye a manifestação da anima do homem de Agartha em seu aspecto luminoso e sombrio? Ou ela seria uma sacerdotisa? As Sacerdotisas existem desde o início das sociedades mais ancestrais, etimologicamente, a palavra deriva do latim *Sacerdos*– sagrado; e *otis* (ROSÁRIO, 2008) – representante, portando “representante sagrada”. As sacerdotisas existem em diversos ramos do xintoísmo, hinduísmo, xamanismo e muitas outras religiões. As Sacerdotisas dotadas do dom profético eram chamadas de Sibilas, cuja definição no dicionário é bruxa, profetisa, feiticeira (RIOS, 2003, p. 492) mulher sábia e sacerdotisa, e alguns pesquisadores as descrevem como as “prostitutas sagradas” (SCHÜSSLER, 2010, p.13). No caso de Agartha, assim como na mitologia grega, Eveye pode ser considerada a prostituta sagrada desse único homem.



Figura 4 – Página 24 de Agartha, de Edgar Franco

O homem então sobe uma escada, que simboliza a caminhada, ascensão ou involução de um plano a outro. Ele sobe para adentrar um portal. Aparece na página um símbolo fundamental na essência do álbum, o yin e yang, aqui representado de uma forma diferente, são três círculos, o da direita com a metade do círculo com o yin sem o germe do yang em si, estando somente presente no yang, a esquerda, o yang sem o germe do yin, sendo somente presente no yang, e ao centro o yin e yang separados e dissociados um do outro. Como o autor ressaltou na apresentação do álbum, a essência BEMAL é fundamental, mas neste instante eles são apartados. É a negação do mal no bem e do bem no mal.

Na página seguinte, a 27, o machado adornado com a caveira, quebra a ampulheta representando o fim do tempo. Eles então copulam, ela com a maçã mordida na mão, a borboleta acima, e uma pirâmide ao lado, referências à energia sexual. A maçã traz o arquétipo do pecado e da tentação na história bíblica de Adão e Eva, os primeiros habitantes do mundo, que foram seduzidos por uma serpente para que provassem o fruto proibido do Jardim do éden. Entretanto, em Agartha, quem oferece a maçã não é a serpente e sim a fêmea. Na simbologia universal, vida, juventude, amor, fecundidade, sedução, liberdade, conhecimento, imortalidade, desejo. Na mitologia grega, a maçã representa o símbolo do amor - na figura de Afrodite, deusa do amor, da beleza e da sexualidade -, e imortalidade.



Figura 5 – Página 26 de Agartha, de Edgar Franco



No amálgama entre os corpos do casal, as pernas fundem-se em formato de serpente subindo pela coluna, uma alusão ao despertar da kundalini, uma palavra em sânscrito que significa “enroscar-se como uma cobra”. Kundalini é um conceito da filosofia oriental que se refere à energia vital sexual que pode ser despertada pelo amadurecimento espiritual e estímulo do chakras e é também conhecida como “serpente do poder”. Nas páginas seguinte, a imagem dele em completa integração com o cosmos, em pleno êxtase.

Página 31 - Capítulo III Edén? – “Desequilíbrio...” Uma imagem do homem e da fêmea no cenário dessa estranha cidade, uma grande borboleta sobre sua cabeça com um prego perfurante, o prenúncio da desestabilização desse estado de plena harmonia. Na página 32 ele toca um fruto na árvore que antes lhe pareceu tão maravilhosa. Aquele cenário que antes era tão interessante e fantástico, agora lhe parece enfadonho. Seu martírio, representado por um prego crescente cravado em seu terceiro olho, começa a lhe impingir dores.



Figura 6 - Página 39 de Agartha, de Edgar Franco

Página 36 - A fêmea percebe a tristeza do homem e o consola, na parte inferior da página eles estão sobre um chão que se assemelha a um livro aberto. São protagonistas do

livro da vida. Na página 37 o plano geral com o desenho negativado provoca no leitor a sensação de adentrar a atmosfera sombria. Ele está diante do portal do jardim das delícias, perecendo em seu âmago. Na página 38 esse sofrimento é evidenciado, mesmo em meio à perfeição de onde vive com as borboletas ao seu redor. Ele definha, com os olhos fechados, seu terceiro olho está sangrando. A perfeição existe, mas só se pode contemplá-la se o coração vivencia a plenitude, e ele arrefece cada vez mais.

Na página 44, lemos: “Em meu peito reina um vazio, uma ausência de sentido...”, de acordo com Franco é o abismo no peito e a escuridão. Um símbolo alquímico que significa que ele perdeu o coração, o órgão da sensibilidade, do amor, da transcendência. No lugar do coração existe um vazio abissal e a escuridão. É o Nigredo Alquímico.

Página 45 - O homem se senta para escrever, ele vai transmutar sua dor em algo “útil”, transpor sua experiência dolorosa em um ato de empatia. Na simbologia egípcia, a pena simboliza a justiça. Ele deixa uma mensagem para toda humanidade, uma advertência, de acordo com tudo que vivenciou e aprendeu. Quem assina é o representante da humanidade, célula holográfica do cosmos. Página 46 - Como se fosse uma poção mágica, ele guarda o manuscrito em uma garrafa - com uma imagem destacada na página, em close -, e ergue o braço diante do abismo. Joga a garrafa ao mar, na esperança que seja encontrada. Dessa maneira, o homem busca dar um sentido ao que aprendeu, admoestando a humanidade para que não repita o erro de buscar um éden mítico sem dores e sofrimentos, pois o conflito, os opostos, os picos e vales são a essência de tudo que é vivo. O manuscrito tem uma simbologia de “chave”, sendo a síntese do sentido que o homem deu à sua experiência, aquele papel guarda o segredo. O manuscrito, portanto simboliza o registro/grimoire do iniciado em sua Senda espiritual. A “chave” que guarda o segredo e pode ser o meio de abertura do portal de um novo entendimento, uma nova consciência, ou enfim, a verdadeira transcendência.

Ao final da página 47, surge em torno da cabeça do homem um círculo-auréola lembrando uma imagem de santos cristãos, remissão à referência de “Homem Cósmico” conforme descrito anteriormente. Ademais, segundo Edgar Franco, trata-se de uma referência direta à ideia dos resplendores de santos na iconografia russa medieval. Ao registrar sua experiência no manuscrito e ao repassar a mensagem, sente-se divino por contribuir para o bem do coletivo cósmico.

Página 48 - A garrafa boia sobre a água, e a história “termina” com uma citação do poeta e pintor inglês Willian Blake: “Não há progresso sem contrários. Atração e repulsão, razão e energia, amor e ódio são necessários à existência humana”. Reforçando a mensagem primeva do álbum, a de que não existe um Jardim do Edén de delícias e perfeição, não há vida sem sofrimento, uma vez que a evolução espiritual na Senda só é possível na forja alquímica do espírito que é colocado à prova nos momentos de dor.

Epílogo - Página 49 o círculo, início de todas as coisas, princípio da criação sofre e sangra. Esta parte do álbum dá continuidade ao destino que levou a mensagem na garrafa que o homem lançou ao mar. E eis que surge uma enorme criatura aquática que abocanha a garrafa, tornando a mensagem do álbum ainda mais densa e complexa: a de que cabe a cada ser descobrir a si mesmo, através do livre arbítrio, sobre o caráter essencial da vida, a de que não existe mal sem o bem e o bem sem o mal, a vida reside nesse movimento.

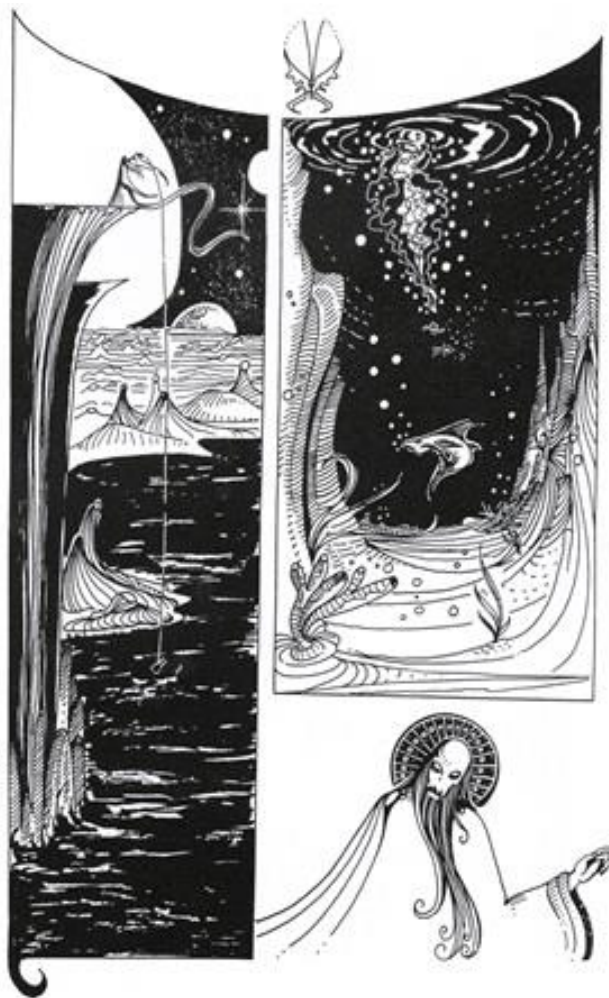


Figura 7 - Página 42 de Agartha, de Edgar Franco

“...Foi-lhes dado o livre arbítrio...” - Ao final do epílogo, o desenho do Cosmos como no princípio de tudo, em equilíbrio com a humanidade e o universo. Tudo é perfeito se o Ser flui com as tempestades e bonanças, e com elas aprende. E este pensamento está em consonância com as sete leis herméticas do livro Caibailon de Hermes Trismegisto.

De acordo com Chauí (2010, p. 323), cada religião ordena a realidade segundo dois princípios fundantes: o bem e o mal. Em Agartha o autor destaca o princípio “BEMAL”, lei imprescindível à vida. A sombra contém forças vitais e positivas e devemos assimilá-las na nossa experiência ativa e não reprimi-las. Cabe ao ego renunciar seu orgulho para vivenciar plenamente o que parece sombrio e negativo, mas que na realidade faz parte de si (JUNG, 1964).

O homem ao se aperceber de seu mal e ao abraçar suas sombras, compreendeu a chave do mistério. Ao tomar consciência da raiz de sua dor, - a de que a busca por um éden mítico é ilusão, pois não há vida sem sofrimento - ele pôde compreender uma das maiores lições que um iniciado pode ter em sua Senda.

### **Considerações Finais**

Objetivos poéticos e conceituais e a mensagem do álbum, segundo o autor Edgar Franco

Em Agartha o homem chega a um paraíso mítico sem conflitos. Com uma mulher à sua disposição, seres e cenário paradisíaco, tudo perfeito e dadivoso. Com o passar do tempo ele percebe um vazio imenso, curiosamente, tudo que ele buscava, a ausência de sofrimento, desequilibrou-o. A grande questão que o álbum propõe é a de que a tão desejada vida plena e feliz baseada em um princípio uterino, em tom monocórdio, é contrária ao princípio mutante da vida, do movimento constante, e das forças antagônicas que regem o cosmos, a evolução transcendente e infinita do ser depende de sua coragem inexpugnável de enfrentar as adversidades, sempre. O homem de Agartha acaba se isolando do mundo para alcançar a plenitude paradisíaca e estagna-se, pois o resultado é a placidez e segurança do útero. Nas palavras de Teilhard de Chardin:

Quando o homem, tendo reconhecido que carrega em si mesmo a sorte do Mundo, se convence de que existe à sua frente um porvir sem limites no qual não pode soçobrar, um primeiro reflexo ameaça muitas vezes induzi-lo a buscar sua realização plena num esforço de isolamento (CHARDIN, 1995, 273).

O homem de Agarthá compreendeu que mesmo a busca daquilo que a humanidade entende como felicidade, equivocadamente, é algo estéril, pois a vida - enquanto fenômeno cósmico - é algo muito mais profundo. E transcender seu estágio atual de evolução depende de desafios e eles implicam êxtases e dores. Ele sofreu em determinada fase de sua vida, e por esta razão buscou um útero perfeito, entretanto esse útero representou a sua morte, pois ele morreu enquanto ser em evolução. Se por um lado, no paraíso uterino ele se eximiu de sofrimento, por outro, ele também não vivia mais o êxtase. Livre dos picos e vales, sem os desafios inerentes à vida, ainda que ele tentasse despertar sua percepção do agora, aquela rotina tornou-se enfadonha, mesmo sua visão de seres incríveis passou a ser embotada e entediante. E ele se isolou do seu mundo, dos seus semelhantes, no mundo de Agarthá para onde migrou, não existiam outros humanos, ele era o único, a evolução também depende da conexão com sua espécie, da égregora que se forma e pode impulsionar saltos quânticos evolutivos, o isolamento é estanque, torna o homem estéril, estagnado. Como destaca Chardin:

O isolamento é um insulamento, um confinamento, uma autolimitação que fecha, encerra, enclausura e, simultaneamente, põe-se à parte, aparta, distancia, separa de tudo, do Todo. Em ambos os sentidos, impede o avanço do fluxo ou corrente da Evolução por condução (do latim *conducere*), que é, no fundo, a capacidade que tem cada elemento de, em conjunto com todos os outros, guiar, orientar, levar adiante um mesmo impulso de ser cada vez mais. Esse Mais-Ser, que o isolamento obstaculiza, é o aparecimento, em cada etapa evolutiva, de uma realidade nova que constitui um superávit de consciência e, portanto, um enriquecimento ontológico (CHARDIN, 1995, p.283).

Ao final do álbum só cabe a ele voltar a buscar seu crescimento, e a busca é dolorosa. A chave para a saída é ele mesmo, está em seu interior, ele que deve buscar. No fundo, ele ainda tem medo e faz uma carta, uma carta de aviso, mas também esperando a ajuda de alguém. Contudo o peixe come a garrafa, e dessa forma ela não chegará a ninguém. Porque a ajuda real só pode vir dele mesmo, ele que deve renascer, buscar a vida. Pois a solução de todos os nossos dilemas é encontrada nos mistérios interiores, dentro de nós mesmos, em nossa luz e em nossa sombra. O propósito do alquimista, portanto, é a transmutação de algo comum em algo precioso. Esse objetivo é alcançado através de uma real compreensão da Lei das Correspondências ou Lei Cósmica que atua em todos os níveis (PARUCKER, 2007).

Embora o álbum traga em si uma forte carga simbólica, a maior riqueza que ele provoca não é uma mera leitura mecânica de símbolos, e sim no conjunto de sua obra estética e poética, envolver o leitor e expressar através das imagens e textos da HQ, essa

saga mística vivenciada pelo personagem, que em última instância pode ser qualquer pessoa: o ser humano na busca pela transcendência. Entretanto, investigar os símbolos ocultos, nos ajudam a compreender e valorar nossas experiências.

De acordo com Heisenberg (FRANZ, 1964, p. 307), “o homem ao examinar a natureza e o universo, em lugar de procurar e achar qualidades objetivas, encontra-se a si mesmo”. *Agartha* é uma obra em que o leitor mergulha e é colocado diante de si mesmo, em um processo de reconhecimento dos aspectos do inconsciente coletivo partilhados por toda humanidade, pois somos todos um só.

## Referências

ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos [livro eletrônico] /Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. – Londrina : Eduel, 2013.

BARROS, D.; FRANCO, E. S. Aforismos & Histórias em Quadrinhos: HQforismos do Ciberpajé. Revista Conhecimento Prático Literatura. n 51 – Edição especial Arte-Educação HQs, Editora Escala, p. 18-23, 2013.

BLAVATSKY, H.P. A Doutrina Secreta – Síntese da Ciência, Religião e Filosofia – Volume I: Cosmogênese, São Paulo: Pensamento, 1995.

CHARDIN, Teilhard de. *O Fenômeno Humano*, São Paulo: Cultrix, 1995.

Dicionário de Símbolos. Significado dos símbolos e simbologias. Símbolos religiosos. Disponível em <http://www.dicionariodesimbolos.com.br> Acessado em 30 de julho de 2014.

FRANCO, E.S. *Agartha*. 2 ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2002.

FRANZ, M.L.V. O processo de individuação. (In): JUNG, Carl Gustav; (org.). *O Homem e seus Símbolos. Concepção e organização de Carl C. Jung*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 19ª impressão, 1964.

HENDERSON, J.L. (In): JUNG, Carl Gustav; (org.), A. *O Homem e seus Símbolos. Concepção e organização de Carl C. Jung*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 19ª impressão, 1964.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas Artes Plásticas. (In): JUNG, Carl Gustav; (org.). *O Homem e seus Símbolos. Concepção e organização de Carl C. Jung*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 19ª impressão, 1964.

JUNG, Carl Gustav; FRANZ, J.L.; HENDERSON, J.J.; JAFFÉ, A. *O Homem e seus Símbolos. Concepção e organização de Carl C. Jung*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 19ª impressão, 1964.



JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2010.

PARUCKER, Charles Vega. Hermes Trimegisto - Ensinaamentos Herméticos. Curitiba: Curitiba, PR: Biblioteca Rosacruz - Ordem Rosacruz, AMORC. 4 ed., 2007.

PHILIP, Neil. *Guia Ilustrado Zahar: Mitologia*. Tradução de Áurea Akemi. 2.ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RIOS, Dermival Ribeiro Rios. Minidicionário Escolar Língua Portuguesa. São Paulo: DCL, 2003.

ROSÁRIO, M.B.do. LATIM BÁSICO. 222 p. Documento on line. 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7838608/latim-basico>

SANTOS NETO, Elydio dos. “O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro.” In *Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG*, Vol. 7 n. 1, Jan/Jun 2009, - Goiânia - GO:UFG, FAV p.68-95, 2009.

SCHÜSSLER, Regina. SACERDOTISAS SUMÉRIAS. *Revista Historiador Especial Número 01*. Ano 03. 9-17 p. Julho de 2010.

SIMBOLISMO – A Linguagem Secreta Dos Illuminati. “Obelisco”. Disponível em: <http://originaisbr01.wordpress.com/2012/10/18/simbolismo-a-linguagem-secreta-dos-illuminati-2/> . Acessado em: 18 de julho de 2014.

Símbolos esotéricos. Kundalini – Ponte de conscientização. Etimologia. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/chacras7.html> Acessado em: 17 de julho de 2014.

Símbolos esotéricos. Verbetes “Dragão”. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/simbolos.html> Acessado em: 30 de julho de 2014.